

Caminhos de uma Cartografia Imagética rumo a epistemologia do Sul ¹

Rodolfo Medeiros Schian ²

Resumo: Visando construir uma metodologia para análise imagética, tendo como base a fotografia e o seu suporte os mapas cartográficos, para propor alternativas de transformações sociais, culturais e científicas através de uma terceira realidade. O artigo se trata de um ensaio que vai dialogar com as epistemologias do Sul e as ecologias dos saberes de Boaventura Santos, a dialética das imagens e o flâneur de Walter Benjamin, a definição de imagem de Hans Belting, a sociedade do espetáculo de Guy Debord, o espectador emancipado de Jacques Rancière e com o pensamento da cartografia crítica. Apontando caminhos possíveis para desenvolver uma Cartografia Imagética da fotografia que contribua para a plena emancipação humana dentro dos princípios das epistemologias do Sul.

Palavras-chave: Epistemologia do Sul. Cartografia. Terceira Realidade. Fotografia.

1 Introdução

A dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura (SCHIAN, 2020), da Universidade de Sorocaba, com o título “Fotojornalismo: as representações de morte de Fidel e Mandela para além da noção de sociedade do espetáculo”, levantou a hipótese que a análise imagética, e especificamente a fotografia, pode contribuir com a transição paradigmática da ciência moderna que é desenvolvida no pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2002; 2020; 2021).

Este presente artigo, na forma de ensaio, visa desenvolver algumas discussões para a construção metodológica de uma análise imagética que vise o pleno desenvolvimento da emancipação humana e por consequência a transformação social através da transição paradigmática da ciência. Que consiga responder indagações banais do nosso cotidiano até as indagações caóticas como são na atual pandemia.

Uma metodologia com base na alfabetização imagética ou autodidatismo imagético (na reflexão da plena emancipação), em uma construção de alternativas coletivas, próximo do conceito de espectadores emancipados de Jacques Rancière (2012).

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho “Imagens Midiáticas” do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Doutorando em Comunicação e Cultura (Uniso), rodolfo.schian@prof.uniso.br

Que consiga dar conta dos três conceitos principais que consideramos importantes para compreender a imagem (a fotografia) e o próprio ato de fazer ciência, que são, o espaço, tempo e contexto.

Salientando que o contexto sempre deve trabalhar a diversidade social e cultural em toda sua complexidade, o que nos leva a definir a questão do tempo como não linear e o espaço além das fronteiras físicas ou criadas (imaginadas).

Devemos ir além da metodologia fenomenológica de Boris Kossoy (2011), da primeira realidade (compreensão histórica) e segunda realidade (utilização, a prática em si em tempo presente), propondo uma terceira realidade, que seja transformadora. Realidade que já era proposta nos conceitos benjaminianos, mais especificamente da dialética das imagens (BENJAMIN, 2009) e seu desenvolvimento pretendia ir além da dominação da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997).

Nesta perspectiva a revisão epistemológica que se faz necessária e urgente (SANTOS, 2002), para dar resposta à crise científica e social contemporânea em uma transição paradigmática, deve dar igual importância ao senso comum, ao cotidiano, a práxis.

Por isso creditamos a importância de refletir a atual sociedade e seu futuro dentro dos conceitos da epistemologia do Sul, da prática científica como um posicionamento político que visa as mudanças sociais.

Principalmente compreendendo a imagem fotográfica, a tecnologia da fotografia, como uma ruína-semente que precisa ser lida com os olhares das ecologias dos saberes. Em conjunto com a dialética da imagem, do flâneur de BENJAMIN (2009) e da cartografia crítica demonstrada por CRAMPTON e KRYGIER (2008). Uma tentativa ousada que poderia até mesmo superar o Atlas Menmosine do historiador de arte alemão, Aby Warburg (2010).

A proposta é a troca do suporte da fotografia, do seu meio, que é vista em um papel revelado, em um ecrã, ou mesmo em pranchas como é o caso de Aby Warburg, para agora serem vistas em mapas cartográficos. O apontamento de seus percursos e memoriais podem nos levar as alternativas necessárias para a transição epistemológica da ciência moderna, que denominamos de terceira realidade da fotografia.

2 Imagem

O primeiro passo para refletir percursos teóricos metodológicos para construção deste projeto é definir o que entendemos por imagem. Para isso iremos utilizar do pensamento do historiador de arte alemão, Hans Belting (2014), na sua separação da imagem em si do seu suporte material e reprodução (meio).

Desta forma posicionamos a imagem como um fenômeno social, dentro de uma determinada cultura, em uma relação cultural direta, livre das questões técnicas e estéticas tanto para sua produção quanto para sua leitura, realizadas por indivíduos ou coletivos autênticos que visam uma determinada comunicação e significação. A imagem não é o seu suporte, o seu meio, mas a significação e comunicação que ela transmite, podendo ser uma pessoa, um lugar ou uma ideia. E aqui está a sua essência, seja ela material ou imaterial, ela é a representação de um determinado pensamento cultural.

Quando estamos propondo analisar as imagens fotográficas através da cartografia, seja o mapa ou o suporte que colocamos a imagem, se trata do seu meio. É a maneira como iremos organizar as imagens e suas significações devem ir além de seus suportes e determinações. Se levarmos tal concepção ao extremo poderíamos até afirmar que a fotografia é o meio da imagem e não ela em si.

Então o primeiro ponto é o conceito beltingiano de Tríade Imagem-Meio-Corpo, onde teremos a imagem como a comunicação, o meio a forma como se faz a comunicação e o corpo o seu significado.

A dialética do corpo e meio, é que configura a significação de uma imagem, a percepção que temos dela. A qual pode ser definida por gatilhos da memória, contextos, espaço e tempo.

É neste conceito de meio, de suporte, que vemos florescer um conceito igualmente importante para a cartografia e para a fotografia, o conceito de escala. A fotografia não só conseguiu dentro de uma determinada escala transportar espaços, pessoas e ideias dentro de um quadro impresso ou digital, como conseguiu nos aproximar de caminhos diferentes, nas múltiplas possibilidades de um mapa.

Na escala cartográfica ou fotográfica podemos ter a miniaturização do mundo, diminuindo as distâncias e ampliando o nosso campo de visão, e a prova da complexidade ao ver o todo ou parte do que é mundo, o universo.

O conceito de escala se aproxima do flâneur e explica o pensamento dialético de Walter Benjamin, seu interesse pela vida cotidiana e determinações das transformações sociais, seja na sua relação e afastamento com a cidade, seus espaços e memórias.

Benjamin sendo um apaixonado e crítico da fotografia (COELHO e PERSICHETTI, 2016), procurando a sua função social e utilização, na sua concepção de historicidade e possibilidade de ruptura e libertação através da dialética das imagens, como já mencionado, diz muito sobre o conceito de terceira realidade que pretendemos desenvolver.

É sobretudo no texto de Benjamin (1994), “Pequena História da Fotografia”, que temos o desenvolvimento da importância da fotografia como meio de produção de imagens, e que lhe auxilia na compreensão dos espaços urbanos, da vida cotidiana dentro da sua concepção dialética (COELHO e PERSICHETTI, 2016). Onde encontramos argumentação, em uma dialética da imagem, para empreender a análise imagética, especificamente aqui da fotografia, através de uma cartografia das imagens.

Estamos falando da afirmação de Benjamin que o analfabeto do futuro não é aquele que não sabe escrever e sim aquele que não sabe fotografar. E na pior das hipóteses, o próprio fotógrafo que não saber ler as suas fotografias, dando uma grande importância para as legendas.

A necessidade, apontada por Benjamin, de os produtores de imagens serem capazes de entenderem as imagens que eles produzem implica o reconhecimento de que o ato de produzi-las é sempre um posicionamento político. Da dialética das imagens ninguém escapa. (COELHO e PERSICHETTI, 2016, p. 61).

A nossa argumentação reside na necessidade de ir além das legendas, e uma alternativa são os mapas e seus memoriais, é a Cartografia da Imagem fotográfica. É analisar a imagem através de seu meio que é a fotografia mediada por outro meio, o mapa cartográfico.

3 Realidades – Espaços e Lugares

Os conceitos de realidades, primeira e segunda, que apreendemos na metodologia de Boris Kossov (2011), que transforma uma fotografia em artefato histórico e

memorialístico, abrem espaço em uma concepção materialista histórico e dialética (SCHIAN, 2020) para desenvolvermos a terceira realidade.

A primeira realidade, compreendida como a tese, a fotografia como artefato histórico, em uma determinada contextualização histórica do real em si e em relação direta com a produção fotográfica. Uma realidade teoricamente imutável por ser histórica, que é a própria objetividade da fotografia e, portanto, próxima do pensamento hegemônico da modernidade, do positivismo. Que vai se confrontada com a segunda realidade, que é a antítese, a maneira como a fotografia é utilizada, consumida na contemporaneidade, na sua espetacularização (nas ideologias e utopias existentes). É a própria realidade depois da representação da realidade, que podemos compreender como a imaginação do fotógrafo ou pelo detentor da imagem. A segunda realidade é a própria espetacularização de Debord (1997), a realidade percebida e experienciada no cotidiano da modernidade.

Nesta relação dialética a terceira realidade é a síntese, um elemento novo, transformador e com potencialidade para emancipar a sociedade. Uma comunicação plenamente desenvolvida, próxima da Tríade Imagem-Meio-Corpo elaborada por Belting (2014), e do conceito da novíssima retórica e epistemologias do Sul de Boaventura (SANTOS, 2002). É o nascimento de uma ciência que nasce no interior da sociedade (comunidade) e dos processos da comunicação, que nos permite ir além da sociedade do espetáculo.

A terceira realidade deve sempre levar em conta que o tempo histórico não é linear e sim uma determinação sociocultural e que a sua concepção de espaço não se faz por fronteiras fictícias e sim pelo uso e significações de uma determinada cultura.

A distinção dos conceitos de espaço e lugar que realiza Ribeiro (2018) em sua análise cartográfica é interessante para a metodologia que pretendemos desenvolver. O autor define o conceito de espaço pelo seu uso, em relação e interação direta do espaço e do corpo, nas suas concepções materiais e históricas. Já a noção de lugar é dada, em uma visão mais humanística, como possibilidades de construções e percebidos através de experimentações e relações sociais.

O lugar remete a relações de afetividade, em uma relação temporal e de contato próximo, são lugares de significados, tem sua diversidade condicionada a cada indivíduo e não restritos a delimitações físicas.

Extrapolando isso ao corpo, a cotidiano, podemos compreender o corpo como um espaço, mas a sua consciência e imaginação é o seu lugar. O espaço é construído por determinações externas, enquanto o lugar por determinações internas.

4 Sociedade

Outro conceito que precisa ser definido é o contexto e para isso iremos utilizar a compreensão de sociedade de Guy Debord (1997), que via na sociedade moderna, nas suas relações de produção, um acúmulo de espetáculos, fazendo com que toda existência se torne uma representação de aparências coletivas em um suposto sistema que gera individualidades.

É no interior desta sociedade que ocorre uma disputa entre a realidade dada e a realidade reconhecida, entre a verdade e a opinião, a ciência e o senso comum (ainda compreendido como ausência de conhecimento racional).

Através das epistemologias do Sul (SANTOS, 2002;2020;2021), nas ecologias dos saberes, que poderemos achar respostas para dar fim a sociedade do espetáculo. Resignificando o senso comum como conhecimento racional, e isso vai se dar através do reencontro da ciência com as necessidades da comunidade, com o cotidiano dos indivíduos.

Neste sentido a Terceira Realidade deve estar dialogando com a mudança paradigmática proposta por Boaventura de Sousa Santos, em uma transformação social realizada pela própria ciência, mas sem a hipercientificização que caracterizou a modernidade. Logo se trata de uma mudança no paradigma social.

O paradigma emergente não deve procurar soluções fáceis, de pessimismo reacionário e voluntarismo inconsequente. Deve estar mais atento as representações abertas, incompletas e inacabadas. Se trata de realizar a transição paradigmática com a modernidade para ultrapassar a própria modernidade.

Por este motivo que precisamos trabalhar com as duas representações que mais se aproximam, segundo Boaventura (SANTOS, 2002), destas características (abertas, incompletas e inacabadas), que são: a comunidade – domínio da regulação e; a racionalidade estético-expressiva – domínio da emancipação.

A ciência moderna tinha como objetivo a emancipação humana, mas na sua prepotência, modelo totalitário (dogmática e autoritária), em se creditar como única verdade nos levou a um aprisionamento, principalmente quando o seu domínio passou a ser o domínio do mercado e negou todas as outras formas de conhecimento. É preciso romper as barreiras dicotômicas da ciência moderna que separaram o senso comum da ciência, a natureza do ser humana.

Precisamos expandir a leitura paradigmática da ciência (SANTOS, 2021), analisando e propondo modelos com a sociedade, modelos que não são melhores nem piores, são alternativas. Negando as leituras subparadigmáticas, que analisam e propõem modelos para a sociedade, ou seja, distantes deles, creditando a sua racionalidade como única verdade.

Nesta leitura paradigmática da ciência (SANTOS, 2021) combateremos o desperdício da experiência, que ocorre tanto pelos modelos epistemológicos, culturais e políticos dominantes de matriz eurocêntrica; ou porque os participantes dessas experiências, das utopias realistas, não se dão conta de sua validade ou por desejarem salvaguardar sua própria experiência.

Tenho defendido que não necessitamos de alternativas, mas antes de um pensamento alternativo de alternativas [...] que designo por Epistemologias do Sul [...] não faz sentido imaginar uma alternativa única [...] tem de ser uma narrativa que abra espaço para muitas outras e de modo a não as descaracterizar. Proponho que essa formulação seja uma nova declaração de direitos e deveres humanos [...] nova porque será construída da base para o topo [...] cosmopolita e não abstratamente universal [...] é nova porque os titulares de direitos não são apenas os humanos e as comunidades humanas, mas também a natureza enquanto vida não humana do planeta. (SANTOS, 2021, p. 252).

Boaventura (SANTOS, 2021) propõem a substituição da Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) por uma Declaração Cosmopolita (que não é uma única declaração, mas um conjunto de declarações, dando voz a diversidade). Declaração que a Cartografia Imagética deve colaborar.

5 Uma nova ciência – uma nova comunicação

A dicotomia realizada na ciência moderna entre a natureza e o ser humana gerou a dicotomia entre sujeito e objeto, que é uma separação teórica com consequências concretas, coisificando tudo e a todos. O mesmo ocorreu na geografia, principalmente na geografia política e suas imaginadas fronteiras, separando a natureza e a cultura, delimitando a questão espacial a uma disputa de poder. E no centro desta aparente dominação da natureza encontramos as dominações do capitalismo, colonialismo e patriarcado, definidas por Boaventura (SANTOS, 2002).

A Cartografia Imagética, seguindo as premissas da epistemologia do Sul, deve aproximar as ciências naturais das ciências humanas, o quantitativo do qualitativo, o objetivo do subjetivo, a ciência do senso comum. O que vai revalorizar a humanidade através da racionalidade estético-expressiva, potencializando as comunidades e rompendo com as representações da modernidade baseadas no domínio do mercado e na distinção entre natureza e cultura.

Se trata da reconstrução do conhecimento emancipação que Santos (2002) está indicando por meio das representações inacabadas da modernidade, ou seja, da comunidade e da racionalidade estético expressiva, um conhecimento local e transmitido pelo discurso argumentativo e não por um conhecimento generalista e com discurso imperativo.

Um conceito próximo do espectador emancipado e da relação mestre e aluno abordados por Jacques Rancière, rompendo as fronteiras e trabalhando em uma oratória e produção do conhecimento dialógica, efetivando o conhecimento-emancipação.

Que vai ao encontro do pensamento geográfico e cartográfico de Ribeiro (2018), dos equívocos na associação das propriedades comunicativas de um mapa em um modelo linear (emissor-canal-receptor). O mapa é uma ferramenta que transmite informações espaciais de modo unidirecional, o que condiciona o nível de eficiência comunicacional do mapa à quantidade e precisão da informação que está sendo transmitida. Em um pensamento progressista, de transição para um novo paradigma da ciência, o mapa deve se transformar em uma ferramenta plural, que pode e deve ser interpretadas por todos.

Ao trabalhar com o mapa, como objeto e ferramenta de pesquisa, conseguimos articular as três dimensões da sociologia das emergências que falam a epistemologia do

Sul (SANTOS, 2021): a ruína-semente, apropriação contra-hegemônicas e zonas libertadas.

Através de uma Cartografia Imagética, ou seja, uma cartografia que se utiliza dos mapas e fotografias, situamos este objeto como uma ruína-semente. Um objeto que antes era utilizado para oprimir através de sua geografia política e delimitação de espaços, que nos permite como flâneur vaguear por todas as esquinas e lugares de invisibilidade. É tornar uma ferramenta de hegemonia em uma ferramenta contra-hegemônica, é guiar o conhecimento de todos as zonas libertadas, das utopias possíveis e realistas.

Tornar a Cartografia Imagética em um espaço de comunicação entre todos e um guia para as construções das alternativas dentro das ecologias dos saberes.

Nas ecologias dos saberes (SANTOS, 2021) encontramos a possibilidade do diálogo das diferenças, dos diferentes modos de nomear e valorizar a realidade, gerando um novo modo de saber, ser e de conviver. Com norte, ou melhor, ao Sul, na cooperação, reciprocidade, relacionalidade, solidariedade e enriquecimento mútuo.

6 Proposta metodológica para a cartografia da imagem

É no terceiro capítulo, da obra intitulada, “Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática”, com o título capitular “Uma cartografia simbólica das representações sociais: o caso do direito”, que entre tantas aproximações que encontramos com Boaventura de Sousa Santos (2002), se torna evidente na questão metodológica e/ou como pretendemos demonstrar o conceito de terceira realidade.

Dentro do contexto que todos os conceitos e representações da realidade, nas diferentes ciências sociais e em todo pensamento das humanidades, tem um aporte espacial, físico e simbólico, e que são importantes na compreensão das relações sociais e na definição de sua realidade. “[...] o modo como imaginamos o real espacial pode vir a tornar-se na matriz das referências com que imaginamos todos os demais aspectos da realidade.” (SANTOS, 2002, p. 197)

Enquanto estou propondo uma análise da imagem, tendo como meio a fotografia, para a compreensão da sociedade ou de uma determinada informação, partindo de uma leitura cartográfica; Santos (2002) propõe uma “sociologia cartográfica” ou “cartografia

simbólica”, mesmo que metaforicamente, para compreender todas as relações sociais, e conseqüentemente toda a forma de produzir o conhecimento científico, para pensar o novo paradigma. Percebendo na cartografia a importância do progresso tecnológico, com impactos políticos e éticos substanciais, sem que seja afetada diretamente pelo paradigma da ciência moderna, no mínimo, sendo um foco de resistência.

Santos (2002) relata que os mapas são distorções da realidade, mas são distorções próximas da realidade, as quais são realizadas por técnicas e normas reguladas e quem podem ser mensuradas, estudadas, analisadas. Logo não são distorções caóticas da realidade, são determinadas e determináveis, da mesma forma que encontramos em outras áreas da ciência.

O que coloca os mapas, a cartografia, como vantagem metodológica é que ela serve como orientação e estão próximas do senso comum, da vida cotidiana.

Os mapas são objetos vulgares, triviais. Fazem parte do nosso cotidiano ao mesmo tempo que nos orientam nele [...] Ao usar como metáfora de base um objeto tão comum e vulgar como o mapa, a cartografia simbólica do direito pretende contribuir para vulgarizar e trivializar o direito de modo a abrir caminho para um novo senso comum [...] (SANTOS, 2002, p. 220).

Creditamos que ao utilizar a fotografia, e a sua análise dentro do suporte de um mapa cartográfico, estamos realmente aproximando o conhecimento, ou melhor, orientando para um senso comum que se torne transformador. O que seria mais vulgar que uma fotografia inserida em um mapa na sociedade moderna? O que seria mais trivial que transformar todos os indivíduos no Flâneur (BENJAMIN, 2009) nesta virada paradigmática em busca de um conhecimento coletivo?

Ribeiro (2018) em sua tese de doutorado em Comunicação e Semiótica, na PUC-SP, com o título “Limiares da cartografia: deambulação, arqueologia e montagem no mapeamento de Lugares”, tem como ponto de partida a cartografia crítica e o seu questionamento sobre o papel político dos mapas. Que se trata de abstrações visuais e que não pode ser confundida com o próprio território, ao mesmo tempo que são artefatos comunicacionais dentro de um contexto, tradições e culturas.

Na cartografia crítica, todo mapa é uma imagem retórica, mesmo que obedeçam a regras científicas, pois também são construídos dentro de questões ideológicas,

reforçando relações de poder e conhecimento. Por isso que se faz necessário identificar as relações de poder nas representações de espaço em um mapa.

Os teóricos da cartografia crítica (RIBEIRO, 2018; CRAMPTON e KRYGIER, 2008), afirmam que os mapas não são exclusividades da ciência cartográfica, podendo ser encontrados e desenvolvidos em outros campos da ciência e da produção sociocultural, a exemplo das artes, literatura e cibercultura.

A Cartografia Imagética que pretendemos elaborar, se posiciona como mapeamento alternativo, dialogando com as epistemologias do Sul e as ecologias dos saberes, e com a defesa de Ribeiro (2018) na ideia de explorar a produção dos mapas na experimentação de outras estratégias de representação do espaço, e que isso se torna possível através dos mapeamentos alternativos. Os quais consegue comunicar propriedades que não estão presentes ou não são evidenciadas na produção dos mapas tradicionais. Sendo que a principal propriedade são as “experiências limiars”.

Compreende (RIBEIRO, 2018) o conceito de limiars como ambientes de transição, heterogeneidades, que nos permitem perceber seus aspectos de hibridismo. Ou seja, são ambientes abertos à novas experimentações, em um tempo e espaço fluído. Próximo do interesse das experiências limiars nos ambientes urbanos de Walter Benjamin, que também compreendia o limiar como uma área de transição, fronteiras que delimitam o espaço e que por muitas vezes limita e inibe o desenvolvimento humano.

Neste conceito de limiar ocorre uma crítica do espaço e tempo, incorporando uma crítica da arbitrariedade das fronteiras. Explorando e investigando os limiars da cartografia (RIBEIRO, 2018) podemos tencionar os limites e potencialidades da linguagem cartográfica.

Seria o limiar o ponto de encontro da ruptura paradigmática da ciência moderna para se reencontrar com o senso comum? O limiar como criatividade/imaginação/subjetividade?

Os autores da cartografia crítica querem demonstrar que os mapas não são neutros e que deve ser interpretado como um discurso de características políticas, visando uma determinada construção da realidade e a comunicação das relações de poder e valores culturais. Onde os mapas são uma imagem socialmente construída e por isso demandam uma leitura crítica, por se tratar de signos incompletos e intencionalmente retóricos.

As pesquisas e desenvolvimentos de CRAMPTON E KRYGIER (2008) permitem que eles afirmem que a cartografia tem escapado nos últimos anos do controle, da dominação de suas técnicas e produções, por parte das oficinas de mapas do Ocidente, do Estado e da própria produção científica (produção científica acadêmica). Instituições de dominação que eles consideram como elite neste campo. Com a ressalva que é na própria academia em conjunto com o “cidadão comum” que temos a efervescência da cartografia crítica.

Este movimento que está ocorrendo na cartografia é resultado (CRAMPTON E KRYGIER, 2008) de dois acontecimentos importantes e resultantes da modernidade: 1) o negócio da produção, levantamento de dados e do mapeamento em si não está mais centrado nos denominados especialistas. Com o avanço tecnológico e a ainda limitada democratização da tecnologia, é possível criar mapas em computadores caseiros com ferramentas cooperativas livres sem a necessidade de estudos avançados na área; 2) o segundo acontecimento se trata da própria crítica, dentro da teoria social, que percebe o caráter político, de relações de poder que contém nos mapas. Afirmação que demonstra a ausência de neutralidade nestes artefatos e ciência.

A crítica teórica da cartografia (CRAMPTON E KRYGIER, 2008) abriu espaços para pensar em mapeamentos alternativos, e fora da academia assistimos que isso realmente era possível, a exemplo dos mapas produzidos pela comunidade artística. Os quais exploraram as características dos mapas serem em significado e ato político para se tornarem resistência, fortemente influenciados pela Escola de Frankfurt e “A Sociedade do Espetáculo” de Guy Debord.

O que nos lembra o conceito de abissal de Boaventura de Sousa Santos (2021). E que vai ao encontro do pensamento da geografia humanista do cartógrafo Denis Wood (1978 in CRAMPTON E KRYGIER, 2008), para uma cartografia da realidade, humanista e fenomenológica, diferente da cartografia acadêmica.

Os mapeamentos correntes, sejam eles performativos (Krygier 2006), lúdicos (Perkins 2006), indígenas (Lewis 2006), afetivos e experimentais (Cieri 2003, 2006) ou narrativos (Pearce 2006), esclarecem criativamente o papel do espaço na vida das pessoas ao se oporem a perspectivas globais e generalizadas. Um texto recente de cartografia (Krygier and Wood 2005) integra implicitamente a cartografia crítica, ideias da arte e dos mapeamentos comuns, e é

concebido como uma motivação popular [...] os mapas como resistência [...] (CRAMPTON E KRYGIER, 2008, p. 103)

Considerações Finais

A proposta apresentada neste artigo para refletir uma metodologia que visa a construção da Cartografia Imagética através da fotografia é inovadora por se configurar como uma alternativa para as necessárias transformações sociais e da própria ciência. Mas como vimos é um projeto que já percorria parcialmente o pensamento de outros teóricos, a exemplo de Walter Benjamin, Boaventura de Sousa Santos e dos próprios teóricos da Cartografia Crítica.

É inovador no seu espírito de apresentar através da dialética uma síntese inteiramente nova, que pode ser utópica e que visa a plena emancipação da sociedade. Logo não se trata de um projeto ou objeto neutro, visa a transformação social e da ciência.

Para isso o primeiro passo é a definição da imagem como uma construção cultural, um fenômeno social e que precisa ser lida além dos seus suportes, do seu meio, como é proposto por Hans Belting (2014). Configurando o mapa como meio da imagem fotográfica, ou seja, como meio da imagem.

Desta forma conseguimos apreender a significação da imagem para trazer à tona a(s) terceira(s) realidade (s), que é a síntese de um processo dialético entre a primeira e segunda realidade proposta por Kossoy. Uma proposta que não tem como linear o tempo histórico, e um espaço definido por fronteiras, mas um tempo e espaço determinado pelas relações culturais. Salientando a distinção do espaço físico e o local como relações de afetividade (RIBEIRO,2018).

Contextualizando em uma sociedade espetacular (DEBORD, 1997), que visa o rompimento desta, da alienação da existência como representações de aparências.

É através das epistemologias do Sul, das ecologias dos saberes (BOAVENTURA, 2002; 2020;2021), na construção de alternativas refletidas pela terceira realidade que poderemos encontrar saídas para a sociedade do espetáculo e para o caos que se encontra a modernidade, ou o que podemos definir como pós-modernidade. Reaproximando a sociedade da ciência, rompendo com os princípios e dominações do mercado, e ressignificando o senso comum, para uma efetiva emancipação.

A Cartografia Imagética deve ser uma construção coletiva, trabalhando com a diversidade cultural, no combate a todas as formas de dominação e do desperdício das experiências e dando visibilidade as utopias realistas. Transformando o mapa, a cartografia, em uma comunicação plural, e os posicionando como uma ruína-semente (BOAVENTURA, 2021).

Combater as dominações do capitalismo, colonialismo e patriarcado, é também combater a dominação da natureza que nos leva ao equívoco da separação entre sujeito e objeto, da suposta neutralidade da ciência, e da separação entre a ciência e comunidade (senso comum).

O objeto é a imagem da sociedade, a sua imagem fotográfica, tendo como método de análise os mapas cartográficos e seu principal objetivo refletir a terceira realidade. Levantando a hipótese da terceira realidade se configurar com alternativas para as transformações sociais e transição do paradigma da ciência moderna.

O que Benjamin (1994; 2009) via na dialética das imagens a possibilidade de libertação, emancipação, reforçando a ideia de que o fotógrafo deveria saber além de produzir suas imagens, ler e transmitir através das legendas. Estamos propondo que todos se tornem fotógrafos e/ou leitores da fotografia, e ir além das legendas, para a efetiva transformação social que se encontra na terceira realidade, e faremos isso através da Cartografia das Imagens fotográficas.

Referências

BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem. Para uma ciência da imagem.** Tradução de Artur Morão. Editora KKYM+EAUM: Lisboa, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia.** In.: Benjamin, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; V.1).

_____ **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade** técnica. In.: Benjamin, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; V.1)

_____ **Passagens**; organização da edição brasileira: Willi Bolle; tradução do alemão: Irene Aron; tradução do francês: Cleonice Paes Barreto – Belo Horizonte, MG: Editora UFMG; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CERQUEIRA-NETO, Sebastião P.G. de. **Epistemologias do sul e a nova geografia: por uma geografia popular no encontro entre Milton Santos e Boaventura de Sousa Santos**. Dossiê – Diversidade de saberes sobre a América Latina – Parte 1. Cronos: Revista da Pós-grad. em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v. 18, n. 1, jan/jun, 2017. p. 68-88

COELHO, Cláudio Novaes Pinto e; PERSICHETTI, Simonetta. **Benjamin, o método da compreensão e as imagens dialéticas**. Líbero, São Paulo, v. 19, n. 37-A, p. 55-62, jul./dez., 2016.

CRAMPTON, Jeremy W. e; KRYGIER, John. **Uma introdução à cartografia crítica**. Tradução de Carolina Apolinário de Souza. In: Cartografias sociais e territórios. ACSELRAD, Henri (org.). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p. 85-111.

DANTAS. **Geografia e Epistemologia do Sul na obra de Milton Santos**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, set./dez., 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História** – 2ª ed. ver. – São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. Tradução Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

RANCIÈRE, Jaques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____ **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Daniel Melo. **Limiares da cartografia: deambulação, arqueologia e montagem no mapeamento de lugares**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ **A cruel pedagogia do vírus** [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

_____ **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

SCHIAN, Rodolfo Medeiros. **Fotojornalismo: as representações de morte de Fidel e Mandela para além da noção de sociedade do espetáculo.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2020.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne. Traducción Joaquim Chamorro Mielke.** – Madrid España: Akal S.A., 2010.

ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo.** Tradução Artur Renzo. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.